

Como se fora brincadeira de roda: Cantigas de roda e brincadeiras cantadas no Brasil

Maristela de Oliveira Mosca

Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil
Instituto de Educação, Universidade do Minho
Portugal
maristelamosca@gmail.com

Resumo A partir das reflexões desencadeadas no processo de construção do *workshop* para a Conferência Internacional *Music for and by Children*, apresentamos o presente ensaio. Nosso objetivo é o de evidenciar e dialogar sobre a importância da música tradicional da infância no ensino de música da escola básica, bem como os desdobramentos metodológicos possíveis e que se desenham nesses processos. Apresentamos a música tradicional da infância e sua compreensão acerca da música da criança, da música da cultura infantil e suas características. Ao dialogarmos sobre as possibilidades metodológicas da cultura tradicional da infância, trazemos aspectos musicais de repertórios que se perpetuam nas memórias das sociedades, carregadas de sentido estético e marcadas pelas histórias vividas. Uma prática pedagógica musical que valorize a diversidade cultural brasileira e que promova ações de apreciação das manifestações populares, experiências sonoras e releituras dessas matrizes musicais. A educação musical das crianças – como campo de experiências sonoras, espaço de criação artística e lugar de desenvolvimento do acervo sonoro – deve se relacionar com a música popular, das comunidades, dos salões, das salas de concerto, das ruas. Enfim, compartilhar a música do mundo, da atemporalidade da produção musical e das obras como patrimônio da humanidade, que deve ser aprendida e ensinada na escola.

Palavras-chave música tradicional da infância; educação musical ; música e infâncias.

Abstract From the reflections triggered in the process of construction of the workshop for the International Conference Music for and by Children, we present this essay. The objective is to highlight and dialogue on the importance of traditional childhood music in the teaching of basic school music, as well as the methodological developments that are designed during these processes. We present the traditional music of childhood and its understanding about the child's music, the music of the infantile culture and its characteristics. When we discuss the methodological possibilities of the traditional culture of childhood, we bring musical aspects of repertoires that are perpetuated in the memories of societies, loaded with aesthetic sense and marked by the lived stories. A musical pedagogical practice that values Brazilian cultural diversity and promotes actions of appreciation of popular manifestations, sound experiences and re-readings of these musical matrices. The musical education of children - as a field of sound experiences, space for artistic creation and place of development of the sound collection - must relate to popular music, from communities, from dance halls, from concert halls, and from the streets. Finally, to share the music of the world, the timelessness of musical production and works as a Natural Heritage of Humanity, which must be learned and taught in school.

Keywords traditional childhood music; music education; music and childhood.

Introdução

As cantigas de roda, assim como as brincadeiras cantadas fazem parte do repertório da música tradicional da infância, da cultura infantil e que, como destaca Hortélio (2014a, p. 274) são manifestações que integram:

Fatos culturais que estão na base da Cultura de um Povo, portanto, no berço da CULTURA BRASILEIRA, carregando em seu cerne os arquétipos da língua, da música, o movimento próprio de nossa Alma Ancestral, sua maneira de ser particular, sua graça e poder diáfano.

As crianças brasileiras brincam de música, com a música, com a roda e com os rituais brincantes que fazem parte de um repertório próprio de cada lugar, demarcando singularidades de acordo com o *espaço-tempo* (Alves, 2001) em que se estabelecem. Nesse sentido, o presente ensaio foi composto a partir das reflexões teórico-metodológicas desencadeadas no processo de construção do *workshop* para a Conferência Internacional *Music for and by Children*, que pretendeu possibilitar a expressão corporal, vocal e musical dos participantes ao vivenciarmos, em um processo de desenvolvimento da cantiga, da criação e possibilidades do fazer artístico.

As questões que impulsionam esse trabalho nascem do movimento de exercício e preservação da cultura da infância, com perspectiva de diálogos acerca de abordagens e estratégias metodológicas na utilização da música tradicional da infância na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Assim, temos como objetivo evidenciar e dialogar sobre a importância da música tradicional da infância no ensino de música da escola básica, bem como os desdobramentos metodológicos possíveis que se desenham nesses processos.

O texto se desenvolve a partir do conceito de música tradicional da infância e a compreensão acerca da musicalidade da criança, da música da cultura infantil e suas características. Com base nas memórias sonoras – individuais e coletivas – trilhamos diálogos possíveis a partir de vivências da música tradicional, construindo conhecimentos sobre música e o mundo que a circunda, desenhando possibilidades de reinvenção da tradição na escola básica.

1. Música Tradicional da Infância

Ao refletirem as sociedades e suas culturas, as cantigas de roda e as brincadeiras cantadas se fazem presentes na história da humanidade e trazem consigo as ações de trabalhar, embalar crianças, afastar medos, celebrar alegrias e expressar suas crenças. Assim, a música tradicional é individual, é par, é coletiva e social. Num país de dimensões continentais como o Brasil, abarca melodias e ritmos diversos, que compõem um *swing* ímpar, produto da mistura dos povos que por aqui marcaram suas histórias, pelas migrações e diásporas. Destacamos três grandes grupos na formação do povo brasileiro: o indígena, denominados brasileiros legítimos, com sua tradição melódica e ritualística nos cânticos de roda; o africano, grupo de diferentes etnias e línguas, com sua tradição rítmica e de expressão corporal nas cantigas de roda e brincadeiras infantis; e o português, povo colonizador do Brasil, com sua tradição cantante nos rituais de trabalho rural, nas festas de roda e nas brincadeiras melódicas. Entretanto, podemos afirmar que o Brasil é uma colcha de retalhos musicais vindos do mundo todo com suas tradições, e que a música tradicional brasileira é uma releitura desses sotaques musicais.

Nessa mistura de sons, cores e sentidos, temos a cultura tradicional da infância, que pode <http://revistas.ua.pt/index.php/musichildren>

ser conceituada como o conjunto de brinquedos e brincadeiras que atravessam os tempos, lugares e gerações, perpetuando e transformando-se, num movimento de tradição, reinvenção e adaptação. Silva (2012, p. 146) afirma que a cultura tradicional da infância “é ao mesmo tempo tradicional, popular e contemporânea, pois sofre transformações se adequando a cada novo tempo, sem perder a essência”.

A cultura tradicional da infância se perpetua nas memórias das sociedades, carregadas de sentido estético e marcadas pelas histórias vividas. Mesmo pela distância, pelo porvir e esquecimento adulto, se mantêm os registros corpóreos das tradições vivenciadas, das experiências individuais e coletivas, da vida do homem que se transforma, que mantém as tradições, que sinalizam modos de sentir/fazer.

Uma das marcas dessa cultura é a música tradicional da infância, aquela do tamanho e medida dos pequenos – em sua rítmica, gestos, tessitura de voz e complexidade narrativa – uma música “feita pela e para a criança, [que] a embala desde o nascimento e percorre todos os seus passos até que chegue à idade adulta” (Silva, 2012, p. 146). Essa música e seus significados no desenvolvimento individual, social e musical, nos leva a reflexão sobre a prática pedagógico-musical na escola básica, compreendendo-a como espaço de *aprender ensinar* (Alves, 2001) a arte, a vida do povo e as narrativas histórico-sociais do Brasil. Assim, o ensino de música na escola básica deve valorizar essa diversidade cultural brasileira, promovendo ações musicais de apreciação das manifestações populares, experiências sonoras e releituras dessas matrizes musicais – as cantigas de roda, danças e histórias cantadas.

1.1. Características

Brincar é a ação da infância para compreender a realidade, agir sobre ela e que representa grande influência para o desenvolvimento infantil. As brincadeiras cantadas constituem o acervo musical infantil, que incide sobre a realidade vivida e trespassa a vida da criança. Assim, a brincadeira – cantada e/ou de roda – acompanha a criança em diferentes movimentações e maneiras de brincar: em filas, em rodas, com objetos ou não, de maneira livre ou com regras mais definidas no desenvolvimento do cantar/brincar/rodar.

A cantiga é uma “poesia cantada em versos” (Andrade, 1989, p. 103), e os versos que acompanham as brincadeiras compõem rimas que falam de amor, religiosidade e costumes da época em contexto. As crianças brincam embaladas por melodias que, geralmente, tem seus movimentos em roda, acompanhadas por palmas, bater de pés e gestuais que narram a história, que demarcam o tempo e definem a rítmica. A brincadeira de roda é, de acordo com o dicionário de ideias online *Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira* (CNFCP, 2004), “brincadeira com quadras e parlendas que consiste na formação de uma roda de crianças, uma ao lado da outra, em geral de mãos dadas, cantando e movimentando-se em rodas ou cirandas”.

A influência portuguesa nas cantigas infantis brasileiras é marcada nas rimas, letras, vocabulário e movimentação. Melo (1985), *Apud* Silva (2016, p. 31), afirma que: “é inegável que a mais vasta contribuição estrangeira que recebemos nesse setor do folclore nacional foi de procedência portuguesa”. Dessa forma, as cantigas de roda com movimentações específicas e temas variados do cotidiano infantil se apresentam como: rodas de escolha, quando “uma ou mais crianças escolhem outra ou outras para substituí-las no centro da roda ou na execução de algum gesto ou tarefa determinada pela brincadeira”; rodas dramáticas, em que há uma representação da história contada pela letra

da música; rodas de movimentação específica, que apresentam características diferentes das citadas anteriormente ou integram “características de mais de uma brincadeira”; e as rodas de verso, “compostas por refrão, cantado em grupo, e verso, cantado individualmente” (*Ibid.*, p. 120-124).

1.2. A Música Tradicional na Escola

O Brasil, em sua dimensão, não pode ser tratado como único e singular, bem como suas manifestações – diversas em cores, sons, movimentos e sotaques. Romeu (2013, p. 11) afirma que:

Pelos quintais do Brasil profundo, de dentro, são muitos os lugarejos onde ecoam cantigas de roda que lembram barquinhas que ameaçam virar, benzinhos que partiram deixando saudades, épocas de peneirar farinhas e fubás. São lugares que intimamente conjugam os verbos cirandar, versar e viver.

E é nessa dimensão, tratada na singularidade, que se formam os repertórios da tradição e que não devem ser esquecidos na contemporaneidade, nas metrópoles. Hortélio (2014a, p. 279) afirma que:

O desaparecimento da CULTURA DA CRIANÇA é um fenômeno característico do nosso tempo. O êxodo rural, o afastamento da Natureza, a vida nas cidades grandes, a falta de panejamento urbano e equipamentos inteligentes destinados à expressão e intercurso das Crianças entre elas mesmas, a televisão e os jogos eletrônicos, tudo isto vem dificultando o convívio das Crianças entre elas mesmas e desarticulando a CULTURA DA CRIANÇA.

A vida contemporânea arrasta as crianças para uma dinâmica cotidiana de pressa e instantaneidade de ações, diálogos e convivência. O contato com outras crianças acontece, muitas vezes, somente no ambiente escolar, recheado de escolarização e escasso em momentos de deleite, desfrute, brincadeiras livres, correria, música. Nesse universo, as brincadeiras cantadas, o movimento espontâneo e o brincar de “fazer de conta” dão lugar as tarefas escolares e o tempo livre é dimensionado muitas vezes pelo aparato eletrônico – como *tablets* e *smartphones* – que conduzem a comunicação e a brincadeira. A música criada pela/para criança, que outrora embalava as infâncias e, como afirma Amaral (2012, p. 153), propiciavam “uma profunda experiência da construção coletiva” dá lugar ao pronto, consumível, descartável.

A escola também deve assumir os papéis de guardiã e difusora dessas tradições, dessa música do imaginário infantil, chamadas pela autora (*Ibid.*, p. 152) de “*hits* atemporais, filtrados pelo tempo, esculpidos pela memória”. As cantigas de roda e brincadeiras cantadas devem fazer parte do ensino de música da escola básica brasileira e, conseqüentemente, serem vivenciadas como forma de expressão popular, que favoreça a imersão da criança pela diversidade da música e movimento no Brasil. Destacamos a necessidade do ensino de música se adequar a realidade socioeducativa e cultural, buscando nas tradições e nas releituras da música vivenciada no contexto a valorização da diversidade. Assim, as experiências cotidianas das crianças, das suas culturas, devem ser respeitadas e legitimadas no espaço escolar.

Quando trazemos a música tradicional da infância para o contexto escolar, oportunizamos uma aprendizagem musical que se inicia no local, na raiz – para que saibamos sempre para onde voltar – e que nos leva a outros lugares, tempos e sonoridades, ao reconhecermos “a dinâmica de desenvolvimento, o ‘tom’ particular de cada manifestação”, para que possamos “sentir e compreender o fenômeno musical brasileiro em extensão e profundidade,

buscando inclusive novas transposições, desdobramentos, e uma prática criadora que levará a uma ampliação crescente o nosso vasto e diferenciado patrimônio musical” (Hortélio, 2014a, p. 274-275).

2. Diálogos Metodológicos

Procuramos ultrapassar a vivência musical que somente ensina música europeia, erudita, branca e masculina. Nos deparamos cotidianamente com questões contemporâneas sobre o ensino de música e a dialética que se propicia ao pensarmos esse ensino a partir de uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e inclusiva. Nesse contexto, o ensino de música pode ser compreendido como os processos de vivências musicais que promovem abertura ao universo sonoro das crianças e das comunidades; ao legitimar o encontro da tradição com a releitura, das práticas musicais de diferentes tempos e lugares com as práticas musicais das comunidades. Dessa forma, um leque de possibilidades se abre para a atemporalidade das infâncias, reconhecendo o valor do brincar e da diversidade sonora da tradição, reafirmando “o significado e a importância que tem a prática desses Brinquedos, ou seja, da Música da Cultura Infantil, da Música Tradicional da Infância para o sentido de pertencimento e a identidade cultural de nossas Crianças” (Hortélio, 2014b, p. 15).

Os caminhos metodológicos escolhidos falam das experiências vividas e da apropriação da realidade. Nesse diálogo metodológico pretendemos caminhos singulares, na medida em que não podem ser tratados como percurso predeterminado – a ser seguido a partir de orientações prescritas. Ao pensarmos na criança como *performer*, compreendemos suas ações musicais como quem faz, cria, interpreta e reinventa – brinca de música. Afinal, o brincar deve ser pressuposto básico e essencial da vivência musical pois, como afirma Winnicott (1975, p. 63), “o natural é brincar”. Nesse cenário, o brincar é tratado como relação interpessoal, que ultrapassa a brincadeira como ferramenta pedagógica ou instrumento de ensino. Uma ação que tem papel fundamental “na criança em crescimento, tanto para o desenvolvimento de sua autoconsciência, consciência social e de mundo, quanto para o desenvolvimento de seu autorrespeito e autoaceitação” (Maturana e Verden-Zöller, 2004, p. 224).

Assim, podemos afirmar que brincar de cantar, de roda, de jogos gestuais – de música – promove o desenvolvimento, a aquisição da autonomia, a percepção de mundo. Em relação ao ambiente musicalizador da escola, as crianças devem ter acesso aos repertórios da música tradicional da infância, aprender música a partir do contexto local, valorizar as tradições do lugar para expandir sua musicalidade no (re)encontro com outros sons, outras maneiras de fazer música. Um ensino de música que aconteça a partir da experimentação, criação e fazer artístico.

Entretanto, muitas das práticas pedagógico musicais ainda perpetuam a música de tradição como “função decorativa”, em apresentações que seguem um calendário festivo de atividades, um “folclorismo exagerado” (Lühning, 1999, p. 55). Tais momentos na escola, muitas vezes, têm como foco o produto final e uma *performance* desconectada da tradição, quando as crianças são levadas a aprender uma música e seus gestos para determinada apresentação, que pretende mostrar aos pais e comunidade escolar “modelos estereotipados muito longe da vivacidade que as manifestações naturalmente têm” (*Ibid.*, p. 55).

Propomos uma prática musical que seja significativa na medida em que reconheça e

valorize as inter-relações do material sonoro e seu significado para as crianças, que valorize as culturas populares, as músicas dos povos, as músicas do mundo. Ramalho (2003, p. 50) aponta a necessidade de repensar as “múltiplas culturas” das crianças nas abordagens musicais. Um ensino “multimusical”, que reconheça a música tradicional e os valores que ela agrega, bem como os conceitos musicais que fazem parte de sua estrutura.

As brincadeiras de roda e as brincadeiras cantadas são fenômenos culturais diversos, que se desenham melódica, rítmica e gestualmente a partir de um *espaço-tempo* singular. Os movimentos de (re)criação, compartilhamento, *performance* e conservação acontecem de maneira própria, pela comunidade e especialmente pela imitação, pela oralidade. As cantigas viajam pelo tempo e espaço, reconfigurando-se e transformando-se – acompanhando a dinâmica das crianças, dos lugares, das culturas.

A prática musical se inicia, dessa forma, pelo movimento, pela cantiga, pela imitação do gesto – brincando de música, de roda. Assim, muitas músicas surgem a partir do movimento e outras tantas têm suas danças e gestos a partir do impulso musical. A partir desse entendimento, as experiências musicais não se fundamentam pela aprendizagem dos conceitos musicais, mas sim dos elementos que compõem a música.

Compreendemos o desenvolvimento musical a partir do conceito *Mousike*, “termo grego que descreve uma estreita relação entre a música, a dança e a palavra” (Haselbach, 2011, p. 78). A música nunca é música sozinha (Orff, 1978) e se encontra sempre em conexão com o movimento e com a fala. A música tradicional da criança é música que se canta, se embala, se dança e se brinca com a rítmica. As crianças aprendem pela imitação e, ao imitarem corporalizam “códigos, padrões, fórmulas, estruturas”, para depois partirem para a releitura e criação (Ramalho, 2003, p. 50).

Nesses processos de *aprender ensinar* (Alves, 2001), a linguagem da música de tradição se configura primeiramente pelo fazer – aprender música fazendo. Se inicia pelo repertório das crianças, denominado de capital cultural (Bourdieu e Passeron, 1975), e que, baseados no compositor e pianista americano Bill Evans, chamamos também de *Mente Musical Universal* do indivíduo, do grupo, do contexto. Uma música que dialoga com cada sujeito e o coloca frente a sua cultura, aos seus saberes e costumes – a identidade musical. As cantigas de roda e as brincadeiras cantadas constituem a *Mente Musical Universal* de cada lugar, cada comunidade e, nesse contexto, as dimensões que procuramos desenvolver a partir da experiência musical são: a rítmica, a melodia, a história, os gestos e o jogo.

Tais dimensões acontecem de maneira conjunta e não fragmentada ou hierarquizada. Como organização cognitiva, procuramos estabelecer alguns apontamentos sobre cada uma delas e possibilidades no trabalho musical com as crianças. Silva (2012, p. 159) atesta que:

O repertório da música tradicional da infância tem o tamanho da criança. A melodia respeita a tessitura vocal e a rítmica, cabe no seu corpo. Quando penso em educação musical para criança, me vem essa música que está pronta, que foi inventada muitas vezes por elas, que têm a delicadeza que elas precisam.

Dessa forma, podemos dialogar acerca de estratégias metodológicas para o ensino da música a partir do repertório da música tradicional da infância. Conforme sinalizado anteriormente, as cantigas de tradição brasileira apresentam grande influência lusitana, “no entanto, os ritmos e danças africanas deram um tempero mais brejeiro ao legado lúdico

brasileiro” (Guerra, 2009, p. 2). A *rítmica* das brincadeiras cantadas e de roda apresentam especial sincopado melódico, bem como na tradição percussiva corporal. Assim, procuramos trabalhar as células rítmicas com palmas, pequena percussão e voz, acompanhado ao pulso que se sustenta no ritmo dos pés batendo no chão. As possibilidades de jogos de mãos, criação com pequena percussão e/ou objetos sonoros podem ser exploradas a partir da vivência dessas músicas. As crianças corporalizam os ritmos, as células rítmicas e criam novos padrões ou diferentes maneiras de se executar, para só depois saberem sobre as figuras musicais, a escrita musical e os padrões rítmicos utilizados.

A *melodia* da música tradicional da infância cabe no corpo da criança, pela métrica e tessitura, podendo ser cantada com tranquilidade, já que não oferece desafios tonais e/ou intervalares intransponíveis. Dessa forma, brincamos com as melodias, respeitando as características da voz das crianças e trazendo possibilidades de brincar a partir de movimentos ascendentes ou descendentes, de onomatopeias e com diferentes maneiras de dar voz ao encantamento infantil. As brincadeiras cantadas e de roda são de tradição tonal ocidental, com intervalos pequenos e que permitem um desenho vocal para a afinação da voz, para um trabalho vocal a partir de um repertório infantil.

Todas essas cantigas têm *histórias* que merecem ser contadas, contextualizadas e dramatizadas. São letras que nos remetem a castelos, grandes lutas, príncipes e princesas – um universo carregado de simbologias de um tempo pretérito, de costumes laborais e de tradições culturais. As histórias marcam tempos e espaços, fatos e personagens – rico espaço para a dramatização, para a criação de movimentos, coreografias e diferentes possibilidades interdisciplinares – nas redes que se tecem a partir das experiências com as outras artes, com a língua materna e a matemática, e com os estudos sociais e naturais. Vigotsky (2003, p. 85), afirma que o drama se baseia na ação, quando as crianças podem criar representações. Assim, o drama “une de modo mais próximo, eficaz e direto a criação artística com as vivências pessoais”.

Todo o drama, o cantar e contar histórias da música envolve o *gesto*. O historiador brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1976, p. 6) afirma que:

O Gesto é anterior à Palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da Voz. As áreas de Entendimento mímico são infinitamente superiores às da comunicação verbal. A Mímica não é complementar, mas uma provocação ao exercício da oralidade. Sem gestos, a Palavra é precária e pobre para o entendimento temático. Antes das interjeições primárias, a Mão traduzia a mensagem útil.

Podemos compreender o gesto como inerente as brincadeiras cantadas e de roda. Bater palmas e pés, colocar as mãos na anca, rodopiar as saias, fazer saudações... gestos que contam a história, que inconscientemente ou intencionalmente levam a música para o universo infantil, comunicam, imitam padrões e compartilham condutas. Se música nunca é música sozinha, o movimento conta histórias musicais e embala as cantigas das crianças.

As crianças apresentam um repertório de cantigas, movimentos, gestos, histórias e, ao darmos significado a esses conhecimentos, podemos enriquecer e ampliar esse acervo melódico e de conhecimento a partir da vivência musical. Ramalho (2003, p. 50), afirma que “os significados musicais que construímos socialmente estão relacionados à nossa experiência com música”, e que devemos partir dessa bagagem, desse repertório de significados musicais para expandir o universo sonoro das crianças.

As brincadeiras cantadas e de roda, pela própria tradição oral e popular, se transformam com o tempo e pelo tempo, se recriam e ganham significados diferentes em cada contexto – de tempo e de espaço. A música de tradição não se baseia no produto, mas é o processo criativo que a move – pelo *jogo* que, de caráter social e natureza lúdica, “se inicia sem se saber o resultado” (Mosca, 2009, p. 38).

Vigostsky (2003, p. 87), reafirma Petrova quando diz que o jogo é uma “forma dramática primária caracterizada pela valiosíssima peculiaridade de que o artista, o espectador, o autor, o cenógrafo e o editor do trabalho estão unidos na mesma pessoa”. O autor ressalta a maneira livre de se jogar, onde o momento é o vivido, o instinto do jogo é quem comanda a ação, pois “não se deve esquecer que a lei básica da arte criadora infantil consiste em que seu valor não reside no resultado, no produto do trabalho criativo, mas no próprio processo” (*Ibid.*, p. 88).

Enquanto a criança joga de música e com ela, experiencia ritmos e estilos diversos, reconhecendo a diversidade da música brasileira, pois as cantigas de roda são

Brincadeiras cantadas que trazem uma incrível diversidade de temas, disposições no espaço, formas de brincar, coreografias, andamentos e características musicais. Existem rodas de escolha ou rodas do bem querer que trazem uma ou mais crianças ao centro, para carinhosamente escolher outra na roda que a substituirá; as rodas de movimento, que de forma imitativa ou não, sugerem movimentações diferentes, passam anéis, pedras, limões, bolas ou se transformam em estátuas; as rodas dramatizadas, que contam e representam histórias e as rodas de verso [...]. Essas brincadeiras cantadas são também feitas em filas horizontais e verticais, serpentinas e semicírculos (Silva, 2012, p. 148).

3. Considerações finais

A educadora e musicóloga Lydia Hortélio (2014b, p. 15), coloca ênfase no “significado” e na “importância que tem a prática desses Brinquedos, ou seja, da Música da Cultura Infantil, da Música Tradicional da Infância para o sentido de pertencimento e a identidade cultural de nossas Crianças”. Uma música que, outrora vivenciada pelas crianças nas ruas e quintais, nas comunidades, deve ser trazida para o contexto escolar como estratégia metodológica para o ensino da música e valorização da cultura popular.

A educação musical das crianças – como campo de experiências sonoras, espaço de criação artística e lugar de desenvolvimento do acervo sonoro – deve se relacionar com a música popular, das comunidades, dos salões, das salas de concerto, das ruas. Enfim, compartilhar a música do mundo, da atemporalidade da produção musical e das obras como patrimônio da humanidade, que deve ser aprendida e ensinada na escola, já que:

A Música é uma lei do Universo: ela está na harmonia das esferas, no movimento dos ventos, na maré que enche e vaza, no marulhar das ondas, no canto dos pássaros, na Cultura de todos os povos e nos Brinquedos de nossas Crianças... (Hortélio, 2014b, p. 16).

Os diálogos proporcionados pela música tradicional da infância nos remetem a um fazer musical contextualizado, de significados e de pertencimento. Um rico material musicalizador, onde a música e o movimento se tornam elementos do fazer musical. Dessa forma, podemos afirmar que a música tradicional não pode ser considerada na aula de música como a única fonte sonora para a vivência musical, mas nossa proposta é o do diálogo com esse acervo popular de música feita pela/para criança, e que deve ser reconhecida e valorizada nos processos de *aprender ensinar* música na escola básica.

Referências

- Alves, N. (2000). Tecer conhecimento em rede. In Alves, N. & Garcia, R. L. (orgs.), *O sentido da escola* (2. ed.) (pp. 81-110). Rio de Janeiro: DP&A.
- Amaral, R. (2012). Música na escola. In Jordão, G., Allucci R. R., Molina, S. & Terahata, A. M. (coords.), *A música na escola*. (pp. 152-153). São Paulo: Allucci & Associados Comunicações.
- Andrade, M. (1989). *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília, DF: Ministério da Cultura; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Bourdieu, P. & Passeron, J-C. (1975). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Cascudo, L. C. (1976). *História dos nossos gestos*. São Paulo: Melhoramentos.
- CNFCP (2004). *Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira*. Retrieved from <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/apresentacao.html>
- Guerra, D. (2009). Corpo: som e movimento. Redescobrimo Brinquedos Cantados na Africanidade Brasileira. *Revista África e Africanidades*, (5), 1-6. Retrieved from www.africaeaficanidades.com
- Haselbach, B. (2011). Reflexiones sobre los aspectos educativos de la danza en el Orff-Schulwerk. In Haselbach, B. (Ed.), *Textos sobre teoría y práctica del Orff-Schulwerk* (pp. 71-78). Vitoria-Gasteiz, España: Agruparte.
- Hortélio, L. (2014a). Música Tradicional da Infância. *Reflexão & Ação*. 22(1), 273-282. Retrieved from <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/4637/3268>
- _____. (2014b). Estrelinha, linha, linha! In Silva, L., *Eu vi as três meninas: música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba* (pp. 13-19). Carapicuíba, São Paulo: Zerinho ou Um.
- Lühning, A. E. (1999). A educação musical e a música da cultura popular. *ICTUS*, 1, 53-61. Retrieved from www.ictus.ufba.br
- Maturana, H. & Verden-Zöllner, G. (2004). *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athena.
- Mosca, M. O. (2009). *Como se fora brincadeira de roda: a ciranda da ludopoiese para uma educação musical humanescente* (Unpublished master's thesis). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Orff, C. (1978). *The Schulwerk*. New York: Schott Music Corp.
- Ramalho, E. B. (2003). Um currículo abrangente, sim. *Revista da ABEM*, (8), 47-52.
- Romeu, G. (2013). Cirandar, versar e viver. In Brito, T. A., *De roda em roda: brincando e cantando o Brasil* (pp. 11-13). São Paulo: Peirópolis.
- Silva, L. (2012). Cultura da infância, música tradicional da infância. In Jordão, G. et. al. (coords.). *A música na escola* (pp. 146-151). São Paulo: Allucci & Associados Comunicações.
- _____. (2016). *Música tradicional da infância – características, diversidade e importância na educação musical* (Master's thesis, Universidade Estadual de Campinas). Retrieved from www.repositorio.unicamp.br/bitstream/.../1/Silva%2C%20Lucilene%20Ferreira%20da%20M.pdf
- Vigotsky, L. S. (2003). *La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico*. (6.ed.). Madrid, España: AKAL.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- <http://revistas.ua.pt/index.php/musichildren>